

Nietzsche: a Gênese de um Pensamento

Nietzsche: The Genesis of a Thought

VALMOR OSELAME¹

Resumo: Este texto é uma leitura da primeira parte da autobiografia de Nietzsche onde se procura destacar algumas das principais ideias de todo seu pensamento. Estas ideias, ainda não elaboradas e não expressas como tais, mas em embrião num relato sobre sua vida feito antes de ele completar 14 anos de idade. O texto, “Minha Vida”, escrito em forma de autobiografia é muito significativo para a interpretação de seu pensamento já que muitas tentativas foram feitas para interpretar sua personalidade e a partir de sua personalidade entender seu pensamento. A intenção do próprio Nietzsche com este escrito era a de não ser depois mal interpretado.

Palavras-chave: Arte. Vida. *Amor Fati*. Além do homem. Eterno retorno.

Abstract: This text is a perusal of the first part of Nietzsche's autobiography where it seeks to highlight some of the main ideas of all their thinking. These ideas still not prepared and not expressed as such, but in embryo in a story about his life done before he turned 14 years old. The text, "My Life," written in the form of autobiography is very significant for the interpretation of his thought as many attempts were made to interpret his personality and from his personality understand their thinking. The intention of Nietzsche himself with this writing was not to be after misunderstood.

Keywords: Art. Life. *Amor Fati*. Beyond man. Eternal recurrence.

INTRODUÇÃO

Há várias maneiras de analisar o pensamento de um autor, seja ele um poeta, um romancista, um filósofo, ou de qualquer outro ramo do saber humano. Normalmente isto se faz comparando-o com outros do mesmo ramo, ou analisando seu pensamento a partir de alguns padrões definidos como critérios exigidos por um determinado ramo. Em se tratando de Nietzsche, no

¹ Doutorado Filosofia UFRGS. E-mail: vloselame@terra.com.br.

entanto, a dificuldade permanece justamente por falta desses padrões em seu pensamento. Embora ele tenha sido influenciado desde a infância por grandes pensadores dos mais variados ramos do saber, ele se diferenciou de todos eles e criou para si uma maneira própria de expressar seu pensamento o que dificultou em muito e sua compreensão, de tal forma que alguns o interpretaram como poeta, outros como psicólogo, e outros, a maioria, como filósofo, muito embora ele sendo filólogo. Para estes últimos a tarefa se tornou ainda mais complicada porque Nietzsche não só não seguiu as regras do pensamento filosófico, como as criticou terrivelmente, até negando-as, como no caso da metafísica. Mas, ele mesmo, talvez presentindo essas dificuldades futuras, deu um caminho para o entendimento de seu pensamento. Assim ele decidiu, em 26 de dezembro de 1856, dois meses após completar doze anos, começar a “escrever um diário ao qual confiar a memória de tudo o que passa em meu coração, tanto triste como alegre” (p. 281, l. 1-2).²

A intenção deste trabalho é encontrar Nietzsche neste diário, o Nietzsche como um todo na interpretação que ele faz de si mesmo a partir dos doze anos de idade, início de suas atividades literárias, e, na medida do possível, com a complementação que ele faz no final de sua vida consciente. Trata-se de um escrito pouco conhecido, o “*Mein Leben*”³, e de um escrito bastante conhecido, o “*Ecce Homo*”. As obras de Nietzsche normalmente são catalogadas em três períodos: “O primeiro período estaria situado, aproximadamente, entre os anos 1870 a 1876. Um segundo momento vai de 1876 a 1882, sendo seguido pela derradeira fase, iniciada em 1882 e abruptamente interrompida em 1889. Essa periodização é sobretudo determinada pela sequência das obras características de cada uma das fases” (Giacoina. 2000. p. 29); e dentro desses períodos estão compreendidos os Fragmentos não publicados e as cartas. Acrescentam-se a isso os escritos chamados de “*Escritos de Juventude*”. Ainda segundo Giacoina, no primeiro período “a questão central da filosofia do jovem Nietzsche está ligada ao destino da arte e da cultura no mundo moderno” (Giacoina. 2000. p. 31); no segundo período, predomina “uma valorização do conhecimento científico e

² As citações deste texto indicam apenas a página e as linhas da Edição Crítica de Colli e Montinari: KGA – V. 1, T. 1. Walter de Gruyter – Berlin; New York. 1995. pp. 281-311.

³ As citações deste texto foram feitas a partir de uma confrontação do original da KGA e de uma tradução espanhola, ambas relacionadas na Bibliografia.

um abrandamento da oposição entre arte e ciência” (Giacoina. 2000. p. 44); e no terceiro período, ainda segundo o mesmo autor, definido por ele como “período intelectualista”, em que se destaca “a valorização da disciplina dos métodos científicos”, quando “Nietzsche procurará desenvolver até o máximo de refinamento seus dotes de filólogo, ... de historiador-filósofo, de genealogista da moral” (Giacoina. 2000. p. 45). Ultimamente, porém, a crítica está resgatando tudo o que pode ser atribuído a ele, chegando ao ponto de analisar até mesmo os bilhetes em que ele anotava as compras que deveria fazer. Isto é um sintoma de que Nietzsche foi sempre e em tudo um “todo”. Nietzsche continuou escrevendo sua biografia, seu “*Mein Leben*”, em várias e diferentes etapas, mas a primeira parte é, sem nenhuma dúvida, a mais interessante e mais rica em informações. Nela ele relata suas recordações, passadas mas ainda bastante recentes, não apenas como fatos acontecidos, mas interpretados. No final da primeira parte de seu “*Mein Leben*” ele diz que “é algo magnífico mais tarde conduzir nosso espírito pelos primeiros anos de nossa vida e penetrar assim no desenvolvimento de sua educação”⁴; mas nesta época certamente ele ainda não sabia que daria ao último capítulo de seu “*Ecce Homo*” o título de “Por que sou um destino”, e nos parágrafos finais ele iria se perguntar várias vezes “Fui compreendido?” (§§. 7,8,9). Nesta caminhada de trinta anos, entre 1858 e 1888, muita coisa aconteceu em sua vida e muitos escritos ele deixou para que seu pensamento fosse penetrado. A angústia que ele sofria para ser compreendido em vida se trasladou para aqueles que o quiseram e ainda o querem compreender após a sua morte.

As diferentes interpretações do pensamento de Nietzsche são devidas a vários fatores, como “a variedade dos temas de que se ocupa, a extraordinária multiplicação de pontos de vista – por vezes dificilmente conciliáveis – sobre um mesmo assunto, a diversidade de estilos literários presentes em sua obra e, sobretudo, pela natureza radicalmente crítica e polêmica de seus escritos” (Giacoina. 2000. P. 28). Giacoina não especifica neste texto o que ele entende por estilos literários. É claro, Nietzsche tem uma forma, um estilo próprio de escrever; ele é poeta, ele usa muitas metáforas, ele escreve em aforismos e fragmentos, de tal forma que ele mesmo diz, no final do § 8 do Prólogo da Genealogia da Moral que para entendê-lo “é

⁴ Referência completa no final.

imprescindível ser quase uma vaca, e não <um homem moderno>: o *ruminar...*". Este trabalho, porém, tem como referência o próprio Nietzsche; sua vida, sua formação, seu peregrinar, analisando seu pensamento expresso na primeira parte de sua autobiografia, o *Mein Leben*. Esta autobiografia ele a escreveu muito antes de se decidir qual caminho seguir; e quando se encontrou com os gregos, desde os primeiros anos de escola, descobriu neles a tragédia, e entre os poetas trágicos encontrou os pensadores conhecidos como os filósofos pré-socráticos ou pré-clássicos; e assim a filosofia passou a dominar seu pensamento. Há muitos outros textos anteriores aos textos propriamente ditos da primeira fase, como *Fatum und Geschichte*, escrito nas férias de páscoa de 1862 e *Willensfreiheit und Fatum*, escrito em abril de 1862, bem como a continuação de sua autobiografia em 1869. Apesar desses textos citados serem de suma importância para a compreensão de seu pensamento, este trabalho se atém principalmente à primeira parte de sua autobiografia, de seu "*Mein Leben*". Também não foram usados outros textos como trabalhos escolares, cartas e uma biografia escrita pela irmã Elisabeth, pelo simples fato de que esta parte do seu "*Mein Leben*" foi escrita num curto período de tempo, entre 18 de agosto e 1º de setembro de 1858, no intervalo entre sua saída do Ginásio de Naumburg e sua entrada na Escola de Pforta, momento esse todo especial na vida de um adolescente.

Seus primeiros escritos, chamados escritos de juventude, talvez pelo fato de terem sido considerados "de juventude"⁵, não tiveram tanta repercussão, embora sejam de uma profundidade que supera a de muitos escritores adultos. Suas atividades literárias no pensionato de Pforta podem ser comparadas às dos professores: seus trabalhos escolares poderiam ser incluídos em qualquer antologia especializada. Naquele período, junto com dois amigos, funda uma sociedade literária e musical, à qual deu o sintomático nome de "*Germania*", que sobreviveu por três anos e da qual ele se tornou o único que para ela produzia trabalhos, entre os quais "*Fatum und Geschichte*". Apesar de seus problemas sérios de saúde, principalmente dores de cabeça e visão fraca que o obrigava a usar lentes muito grossas, ou talvez exatamente por esses problemas, dedicava-se apaixonadamente aos

⁵ Na periodização dos escritos de Nietzsche feita acima, o primeiro período também é considerado como "escritos de juventude", mas não é àquele período que aqui se refere e sim aos escritos anteriores a ele.

estudos, e, talvez para prevenir interpretações futuras erradas ou idolatrias a que ele era avesso, escreveu, isso aos 14 anos, uma autobiografia, “*Mein Leben*”. Para uma compreensão mais original de seu pensamento, ajuda em muito uma análise deste documento, pois como ele mesmo diz: ““A vida é um espelho. / Nele a gente se reconhece”⁶ (p.311, l.8-9.). Nesta primeira parte de sua autobiografia é possível distinguir as ideias provindas de três fontes fundamentais: os sentimentos, a estética e a própria razão. O corpo deste trabalho, portanto, terá três subdivisões, e as ideias serão agrupadas não na ordem cronológica, mas de acordo com sua fonte.

AS FONTES

A. OS SENTIMENTOS: DOR E AFLIÇÃO

Ao relatar seus primeiros anos de vida, quando entrou em contato com seus primeiros colegas de aula, nas séries iniciais, ele identifica “os traços fundamentais de seu caráter” (p. 288, p. 14/15). Isto porque, apesar de ter tido até aquele momento “percorrido tão curto espaço de tempo, já havia conhecido os elementos fundamentais da vida, a dor e a aflição” (p.288, l. 15-16). Quanto a esses “traços fundamentais de meu caráter”, há divergências. A própria irmã, Elisabeth, ao escrever uma biografia dele, diz que “ele foi uma criança taciturna, de uma expressão grave e de maneiras distintas”⁷, o que levou Penso a dizer que “ele é um infeliz e um solitário. Não tem o conforto de uma mulher capaz de compartilhar o segredo de sua singular existência” (Penso, p.15). Uma fonte bem mais confiável para conhecer esses traços do caráter de Nietzsche é Montinari, que assim se refere:

A nossa representação da vida de Nietzsche entre os sete e os quinze anos é notavelmente modificada, não só em relação ao que diz a irmã, mas também em relação aos escritos de Nietzsche criança (pelo menos aqueles que chegaram ao nosso conhecimento, porque não se pode prescindir de que a Förster-Nietzsche tenha destruído aqueles que lhe pareciam comprometer o “bom nome” do irmão). Não devemos, porém, ser unilaterais e ver toda a infância de Nietzsche à luz da solidão precoce e do relacionamento secreto com o pai e com a doença. Nietzsche participava aos jogos de seus colegas, amava apaixonadamente e exercitava pelo menos dois esportes:

⁶ *Ein Spiegel ist das Leben. / In ihm sich zu erkennen, / Möcht ich das erste nennen, / Wonach wir nur auch streben!!*

⁷ Apud Andler, V. 2, p. 41.

a patinação sobre o gelo... e a natação. Era também um caminhador infatigável, e as excursões pelos numerosos castelos às margens do Saal eram para ele acontecimentos memoráveis. Em resumo, Nietzsche foi *também* um rapaz normal” (Montinari, p. 27).

Quando ele, mais tarde, vai entrar em contato com os poetas gregos, ele vai descobrir que a vida é uma tragédia, um *agon*, uma luta entre o biológico e o psicológico, entre os instintos vitais e as crenças que determinam os fundamentos de uma determinada forma de comportamento, da qual deriva toda a moral. Dor e aflição, angústia e esperança numa alma e num corpo infantil, ainda em estágio de desenvolvimento, são os traços fundamentais de uma personalidade que está se formando.

Se a dor e a aflição já haviam marcado seu caráter, a consequência imediata, encontrada por ele, foi a busca da solidão, de modo especial “no templo aberto da natureza, onde experimentava a mais verdadeira das alegrias” (p. 288, l. 20-22). Muitos anos mais tarde, quando buscava refúgio para seus problemas de saúde nas montanhas da Alta Engadina, na Suíça, foi surpreendido por uma tempestade durante uma de suas caminhadas, e ao abrigar-se numa espécie de gruta tendo em frente o vale açoitado pela tempestade, meditou sobre o mundo; e surgiu-lhe, ali, naquele exato momento, a intuição do Eterno Retorno. Mas este Eterno Retorno estava gestando em seu espírito, só esperando o momento exato do parto, pois já lá na infância o germe do eterno retorno estava aninhado em sua alma, como ele descreveu em sua autobiografia: “Uma tempestade sempre me produzia uma impressão muito bela; o distante retumbar do trovão e o brilho ameaçador dos relâmpagos aumentavam ainda mais minha reverência a Deus” (p. 288, l. 24-26). No tempo em que ele escreveu esta autobiografia, sua crença em Deus era muito profunda devido a sua formação rigorosa, como filho e neto de pastores, de uma disciplina religiosa baseada no cumprimento incondicional do dever com a mais profunda convicção. Só mais tarde ela vai começar a entrar em desentendimento com a mãe a respeito das crenças e das práticas cristãs. É numa tempestade na Engadina que sua reverência a Deus se transpõe para o mundo simplesmente, até o momento em que ele vai definir seu conceito de mundo no definitivo aforismo 13(12) de junho/julho de 1885: *was mir “die Welt” ist?* (o que é “o mundo” para mim?).

Apesar de sua busca da solidão, ele sentia profundamente o sentimento da amizade. Ele sempre vai ter durante toda sua vida poucos amigos; mas a esses poucos dedicava toda sua simpatia; entregava a eles sua alma, poder-se-ia dizer. E foi nesta tenra idade que ele começou a cultivar a verdadeira amizade. Ele não era uma criança expansiva, mas solitária e retraída; mas também não era antipática; não tentava impor-se sobre os colegas; competia com eles com a maior lealdade; e retribuía com a maior generosidade tudo o que pudesse ser-lhes de benefício. Isso ele vai fazer mais tarde como professor: atender a cada aluno de acordo com as capacidades de cada um deles; dos mais ágeis ele vai exigir mais; e aos que sentiam maiores dificuldades ele dedicava todo seu carinho e habilidades para elevá-los o mais alto possível. Este traço de seu caráter já estava delineado na infância em contato com seus primeiros amigos, fora do círculo familiar ou residencial: seus colegas de aprendizado. Esta sua verdadeira amizade surgiu quando ele entrou no instituo e lá encontrou seus dois primeiros verdadeiros amigos: Wilhelm Pinder e Gustav Krug, como ele mesmo diz: “Já naquele momento começava a revelar-se meu caráter. No transcurso de minha curta vida já havia visto muita dor e aflição” (p. 288, l. 15-16). Dor e aflição serão seus companheiros inseparáveis por toda sua vida; dor no corpo e aflição no espírito; a vida para ele foi um verdadeiro *agonia*, uma luta contínua. Nesta dor e aflição pode estar, e acredito que de fato esteja, a origem de sua crítica mordaz a tudo o que é tranquilidade, sossego, harmonia, bem estar. Sua busca incessante da verdade crua e nua não pode ter outra origem. Se a amizade era algo extraordinário para ele, esta amizade deveria ter algo de mais profundo. Uma verdadeira amizade se faz na comunhão de almas; de certa forma ela não pode ser universal; não se ama a humanidade; amam-se as pessoas individuais pela aproximação de suas almas; e as almas não são entidades abstratas, mas a expressão psicológica de um corpo que luta pela vida, pelo incremento de si mesmo como ele vai dizer mais tarde com o filosofema “*Wille zur Macht*”, completado com a expressão “E vocês também são esta Vontade de Poder – e nada mais!”⁸ do supracitado aforismo 13. A verdadeira amizade, portanto, não identifica as almas, em sua expressão juvenil, ou os indivíduos, em seus

⁸ *Und auch ihr selber seid dieser Wille zur Macht — und nichts außerdem!*

conceitos finais, mas as une numa complementação e expansão do uno universal que ele vai encontrar nos pensadores pré-socráticos, ou pré-clássicos da filosofia grega. A verdadeira amizade “só se realiza lá onde se aninham as mesmas alegrias e as mesmas dores” (p. 288, l. 29-31). E onde é que se aninham as mesmas alegrias e as mesmas penas? Aqui aparece o futuro psicólogo; o psicólogo de uma psicologia antropológica, ou melhor ainda, de uma antropologia biopsicológica que se expressa no que poderia ser chamado de “Impulso de Vida” (*Lebenstrieb*). É neste compartimento antropobiopsicológico de cada ser humano, e somente ali, que “os acontecimentos de nossa vida se encontram, se tocam, com os dos outros” e só então é que “as almas também se unem” e “quanto mais estreita a conexão externa, mais firme será a interna” (p. 288, l. 32-33).

Quando Nietzsche diz, no início de seu relato, que “apesar de ter tido até aquele momento percorrido tão curto espaço de tempo, já havia conhecido os elementos fundamentais da vida, a dor e a aflição”, essa dor e aflição eram os efeitos da perda dos entes mais queridos, começando exatamente com a perda do pai, quando ele tinha menos de cinco anos de idade: “apesar de que eu era ainda muito jovem e inexperiente, tinha já uma ideia do que era a morte: o pensamento de saber-me separado para sempre de meu querido pai me abalou de imediato e comecei a chorar desconsoladamente” (p. 285, l. 27-30). Nos dias seguintes, transcorridos em preparativos para o enterro, Nietzsche se lamentava: “Oh! Deus! Eu era um órfão sem pai, e minha querida mãe, viúva!...” (p. 285, l. 31-33). A cerimônia de sepultamento foi “ao toque de todos os sinos. Nunca deixarei de ouvir aqueles surdos tangidos! Jamais poderei esquecer a lúgubre e sussurrante melodia do canto “Jesus é minha esperança!” (p. 286, l. 4-6). E foi assim que “uma alma crente perdia a terra, uma piedosa recebia o céu” (p. 286, l. 14-15). Se a terra perdia naquele momento uma alma crente, esta estava sendo substituída por outra não menos fervorosa. Esta percepção da tragicidade da vida nos instantes em que ela se apresenta da forma mais radiante, no momento em que tudo é resplendor e florescência, em que toda uma vida se abre diante dos olhos de uma criança, uma vida amparada pelos entes mais queridos, quando uma multidão de pessoas vem depositar na escuridão da morte para sempre aquele que deveria ser o farol que iluminaria o caminho dessa criança, num momento como esse o que poderia dizer esta criança a não ser

“quando se priva uma árvore de sua copada, ela murcha, torna-se estéril e os passarinhos abandonam seus galhos. A nossa família tinha-se privado de sua cabeça principal; toda a alegria abandonou nossos corações, dominando-nos uma profundíssima tristeza” (p. 286, l. 16-19).

É possível encontrar aqui o embrião da revolta de Nietzsche contra Deus? Não. Nietzsche nunca se revoltou contra os sentimentos. Os sentimentos fazem parte da vida, e a vida era sagrada, sublime e misteriosa; ela tendia sempre para o mais forte, para o alto, e nesta sua luta havia o perecer e o retornar, o eterno retorno do mesmo. Nietzsche vai se revoltar contra a moral que pretende anular esses sentimentos de vida mais sublime; e ele vai se revoltar contra os pregadores dessa moral, que ele vai denominar de “sacerdote ascético”, o que não significa o “padre” ou o “pastor”, mas aquele que para se impor a si mesmo sobre os demais ele reduz os demais a meros cordeiros sem vontade, sem amor próprio, sem orgulho de si mesmo, os ressentidos. Nietzsche não vai se revoltar contra a religião em si que congrega as pessoas numa crença de unidade universal; ele vai se revoltar contra aquelas instituições, religiosas sobretudo, que se dedicam à pregação de uma doutrina de rebanho, deturpando a própria mensagem salvadora da crença no sobrenatural. Não se pode, desta forma, ligar esses sentimentos juvenis de Nietzsche, nesses momentos de perda dos entes queridos, a um trauma que o fará revoltar-se contra a religião e contra Deus. Estes mesmos sentimentos Nietzsche vai reencontrá-los mais tarde na tragédia grega, ou seja, na arte, e em seus últimos escritos dirá: “*nós temos a arte, para que não pereçamos junto à verdade*” (FP. Verão de 1888. 16(40)<6>). A revolta de Nietzsche, principalmente contra o Cristianismo, não é sinal de perda dessa crença, ou fé, juvenil, mas, como diz Feiler:

Apesar de suas críticas ao Cristianismo da lei, do qual decorre um modo de vida moral, Nietzsche revela-se como um homem de fé, profundamente preocupado com seu destino. (.....) O Cristianismo que Nietzsche assume não é aquele das resignação, mas o da plenitude de vida: *Lebensfülle*, que é tensão como *Leistungsfähigkeit* (potencialidade) a atingir os *Lebenshöhepunkte* (pontos culminantes de ida). Se assim não fosse, não teria posto como centro de suas críticas o mesmo Cristianismo, com tudo o que isso demanda. Refletir sobre o espírito do Cristianismo tem sido a meta principal de Nietzsche, de cuja reflexão emanasse o Cristianismo em sua genuinidade, como uma prática de vida, e não um conjunto

de leis e uma teologia especulativa. (Feiler, 2015. pp. 55/56).

Mas, conforme diz o ditado que a desgraça nunca vem sozinha, as dores de Nietzsche não param por aqui. A perda do pai foi, sem sombra de dúvida, a mais terrível. Mas “quando apenas começavam a cicatrizar as feridas, de novo foram dolorosamente reabertas” (p. 286, l. 19-21). Nietzsche relata que numa noite teve um sonho em que ele viu seu pai sair do túmulo, envolto em sua mortalha, apanhar uma criança nos braços e conduzi-la consigo para o túmulo. Ao acordar pela manhã, seu irmãozinho de apenas dois anos de idade, “o pequeno Joseph se sentiu mal de repente, começou a ter espasmos e faleceu em poucas horas” (p. 286, l. 28-30). Só restava completar o sonho que ele tivera na noite precedente e “o pequeno corpo pode então ser depositado nos braços do pai” (p. 286, l.31-32). E aos que ficaram “o Deus celestial foi o único amparo e consolo que tivemos nesta dupla desgraça” (p. 286, l. 33-34), além “da dor imensa” (p. 286, l. 30). Alguns anos mais tarde, nova dupla desgraça: a perda da tia e da avó paternas. Embora tia e avó não sejam parentes tão próximos como pai e irmão, essas duas senhoras haviam se tornado muito mais íntimas da família após a morte principalmente do pai, e por causa disso “o Pai celestial sabe o quanto chorei então” (p. 300, l. 29). É em relação a estes acontecimentos que Nietzsche faz sua reflexão sobre a morte. Diz ele:

É uma característica notável do coração humano que, se tivermos vivido uma perda muito grande, não nos esforçamos para esquecê-la, mas a mantemos viva constantemente em nosso interior, recordando-a tão frequentemente quanto possamos. Parece como se com essa insistência na repetição do relato do ocorrido se encontrasse o devido consolo para a nossa dor (p. 300/1, l. 31/02).

Foi com estes sentimentos no coração em relação a seus familiares mais chegados que Nietzsche começou sua formação escolar, em casa com um tio preceptor, na escola pública preparatória para o ginásio e no ginásio de Naumburg. Um dado que não pode deixar de ser mencionado é que, já nesta época, ele teve uma licença da escola durante o período de verão devido a dores violentas de cabeça e nos olhos. Os sofrimentos físicos começam a ocupar o lugar dos sofrimentos espirituais. A tragicidade da vida que Nietzsche vai encontrar na poesia grega é um reflexo da sua própria vida. Nietzsche vai dizer no parágrafo 17 de ABM que “um pensamento vem

quando ele quer e não quando eu quero”⁹, e para vir quando ele quer, ele deve passar pelo corpo e pelo espírito da pessoa. O corpo de Nietzsche era de sofrimento e o espírito de angústia, e o pensamento viria forjado, temperado, no fogo da tragicidade da vida.

B. A ESTÉTICA: MÚSICA E POESIA

Seguindo o relato de Nietzsche, sempre buscando a gênese de seu pensamento, encontramos suas referências sobre sua experiência poética, que ele divide em duas partes, intercaladas com uma descrição pormenorizada de seus dois grandes amigos daquela época. Para não interromper a experiência poética, quero destacar alguns dados a respeito do relato de sua amizade com esses dois amigos. A formação do caráter se amolda na convivência com as pessoas, principalmente com as mais chegadas, com aquelas com as quais se trocam as experiências mais íntimas. Esta formação do caráter é também um elemento da gênese do pensamento, mesmo quando este vai ser expresso muito posteriormente parecendo desvinculado de qualquer liame anterior, físico ou psíquico. Os sentimentos profundos da alma encontram seu amparo em outras almas com as quais se identificam melhor. A amizade é o resultado de um entendimento íntimo e o complemento da formação de um caráter. Nietzsche, que até agora só nomeou seus amigos, diz que “agora, quero descrevê-los mais detalhadamente, pois tanto suas alegrias como suas penas estarão estreitamente ligadas às minhas daqui em diante” (p. 292, l. 13-15). O que unia fortemente estes três meninos, além da idade e dos estudos que faziam em conjunto, eram seus interesses, acima de tudo a poesia e a música, ou seja, a arte. Mais tarde, no internato de Pforta, bem como na faculdade e mesmo depois como professor de filologia, Nietzsche vai reencontrar estes amigos transmutados nos poetas trágicos gregos; e só então, a sua poesia, pobre como ele diz neste relato, toma corpo, toma espírito, e chega ao ponto de tornar-se o Pomo da Discórdia, no rompimento com Wagner, quando Nietzsche entendeu que Wagner havia se afastado da alma trágica da vida para se unir à alma sublime, mas nebulosa, do sobrenatural. Em sua descrição detalhada desses dois amigos de infância Nietzsche destaca a união de suas almas juvenis em busca de um futuro mais promissor, e disse de um deles, Gustav Krug, “sempre temos sido companheiros

⁹ *ein Gedanke kommt, wenn "er" will, und nicht wenn "ich" will.*

de escola, uma prova eloquente da similitude de nossos conhecimentos” (p. 293, l. 21-22) e do outro, Wilhelm Pinder, fio final do relato, ele diz:

Mais tarde, quando cresceu nosso interesse pela poesia, nos tornamos inseparáveis, sem que nos faltasse nunca matéria para nossas conversações. Comunicávamo-nos nossas ideias sobre poetas e escritores, falávamos a respeito das obras que havíamos lido e das novidades literárias, elaborávamos planos conjuntamente, intercambiávamos nossos poemas e não descansávamos enquanto não nos abrissemos nossos corações (p. 294, l. 19-31).

Estes foram seus amigos daquela época “com quem a amizade foi crescendo ao longo dos anos” (p. 294, l. 31-32), e foi com eles, com esta amizade, ou nesse jardim que vingou, desabrochou e floresceu a arte em Nietzsche, na sua expressão mais viva encontrada posteriormente na tragédia ática. É neste incubadora que podemos encontrar a origem das primeiras obras de Nietzsche, entre elas “O Nascimento da Tragédia” e “A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos”.

Voltando, agora, à questão da poesia, foi naquele mesmo momento e com os mesmos colegas de escola e amigos verdadeiros que surgem suas primeiras poesias.

De modo geral, diz ele, costuma-se nestas primeiras tentativas poéticas descreverem-se cenas da natureza. Acaso não se sente exaltado todo jovem coração por imagens fabulosas? Não é fato normal que ele deseje expressá-las em palavras e, sobretudo, em versos? Tenebrosas aventuras marinhas e tormentas de fogo foram os argumentos das primeiras composições (p. 291, l. 15-20).

Se todo coração jovem, como diz Nietzsche, sente a necessidade de expressar em palavras e principalmente em versos as cenas da natureza, normalmente estas cenas envolvem prados, campos e flores; a brisa perpassando as folhas das árvores; os passarinhos voando para o desconhecido na liberdade e imensidão do espaço sem barreiras. Mas para Nietzsche não é esta a natureza que o fascina. São as cenas fabulosas de duendes e incubos na floresta escura; mais tarde aparecerá o Sileno, tempestades em alto mar, naufrágios, relâmpagos de fogo, essas são as imagens que povoam sua mente juvenil e se expressam em má poesia, como ele mesmo reconhece, mas em imagens muito significativas: a tragicidade da vida, por mais bela que ela possa parecer nos anos inocentes da juventude.

Apesar das cenas trágicas, eram estas, no entanto, as imagens que lhe “inspirava a alma” (p. 291, l. 22)¹⁰ e, com certeza exatamente por isso, “este primeiro período me é muito mais caro que o segundo” (p. 291, l. 24-26). Quanto ao segundo período de sua carreira poética, Nietzsche diz simplesmente o seguinte:

Embora meus primeiros versos fossem torpes e pesados quanto à forma e conteúdo, nos do segundo período tentei expressar-me em uma linguagem ornamentada e brilhante. Porém só consegui fazer da elegância afetação, retórica e floreios inúteis da linguagem brilhante. Além disso, faltava nelas o principal: as ideias. De qualquer modo, o primeiro período supera em muito o segundo precisamente por isso, mesmo que se veja como ainda não se pisa em terra firme, se vacila de extremo a extremo e só se alcança o descanso na dourada via média (p. 295, l. 25-34).

Neste pequeno trecho Nietzsche sintetiza algumas ideias que serão fundamentais futuramente. A primeira que aparece é a “inutilidade da linguagem rebuscada”, a linguagem exigida por determinado padrão de expressão que embota o pensamento. Nietzsche vai se tornar um perfeccionista da palavra, tanto da palavra alemã como da palavra grega, mas nunca se deixou dominar pela exigência da palavra ou da linguagem. Ele percebeu a tempo, neste segundo período de sua poesia, as artimanhas da linguagem; a linguagem pela forma e não como instrumento do pensamento. No primeiro período ele compunha em versos livres porque tinha dificuldades de encontrar a palavra certa que expressasse o pensamento e ao mesmo tempo rimasse com outra palavra. E, no segundo período, quando ele conseguiu dominar a linguagem ao ponto de rimar, perdeu o pensamento, e abandonou a poesia. A primeira poesia era pesada, torpe, mas a segunda era vazia de ideias, e uma linguagem sem ideias não vale a pena. Ele vai falar muito da linguagem em seus escritos futuros.

Na análise do primeiro período de sua poesia Nietzsche observa como ainda não se pisa em terra firme, e que essa terra firme seria o descanso na dourada via média. Não se pode dizer ainda que haveria aqui, no descanso da dourada via média, uma ironia, devido a sua juventude e suas primeiras experiências com a escrita, porque esta via média não seria o caminho que

¹⁰ *wie die Seele sie mir eingab*

ele trilharia e que estava se delineando nas ideias da poesia, apesar da torpeza dos versos.

Neste mesmo período, juntamente com a poesia, sentiu ele a emoção da música; ele havia ganhado, inclusive, um piano de presente da mãe, e seu pai, além de pastor, ou exatamente por isso, era um exímio improvisador, mas foi em suas visitas na cidade de Naumburg, enquanto estava no ginásio, de 1851 a 1854, que ele sentiu mais de perto os efeitos da música clássica, regularmente executada nas igrejas, sob a batuta de maestros locais. Seu sentimento juvenil se extasiava com tais melodias que elevavam seu espírito ao sobrenatural. Algumas o tocaram tão profundamente a ponto de induzi-lo a tornar-se compositor, como ele mesmo diz:

No dia da Ascensão fui à igreja paroquial e escutei o coro sublime de O Messias, de Händel: o Aleluia! Senti-me embriagado por completo, compreendi assim deveria ser o canto jubiloso dos anjos entre cujos arrebatos vocais Jesus Cristo subiu aos céus. Imediatamente tomei a firme determinação de compor algo parecido (p. 297, l. 29-34).

Se ele não conseguiu produzir algo parecido, pelo menos tentou, e essa tentativa desenvolveu nele não só o sentimento musical mais profundo da música clássica, não pelo fato de ser clássica, mas pelo fato de estar relacionada a algo misterioso, sobrenatural, fantástico. Se no futuro ele desacreditou da Ascensão de Jesus Cristo, ele não desacreditou do dramático sentimento de unidade entre o sagrado e o profano. O dionisíaco e o apolíneo estavam ali em germe e o espectador da tragédia grega, neste momento, estava sentado num banco de igreja cristã, assistindo a ambiguidade da vida em seus elementos dinâmicos do eterno e do perecível.

Como as missas de almas se oficiavam habitualmente no dia de Todos os Santos, a maioria dos ensaios acontecia na caída da tarde do nebuloso outono. Assim, sentava-me na sagrada semiobscuridade da igreja para escutar na intimidade as sublimes melodias (p. 298, l. 14-17).

Ao referir-se ao "Sonho de uma noite de verão" de Mendelssohn, ele assim se expressa: "Esta maravilhosa abertura! Parece-me como se uma etérea procissão de elfos dançasse na noite, prateada pelo resplendor da

lua” (p. 298, l. 31-33), ou ao “*Dies irae, dies illa*”¹¹ que “chegavam até a medula de meus ossos” (p. 298, l. 12). É mais importante do que tudo isso é que esta era a música que ele concebia, a verdadeira música, esta unidade do real com o imaginário que forma a psicologia humana. A música que ele vai encontrar no coro da tragédia grega, o coro das eríneas e a dança dos elfos, o que o levou “a conceber um ódio inusitado a tudo o que fosse música moderna e não clássica” (p. 298, l. 6-8). Richard Wagner sofreu as consequências desse ódio!

Mas não foi só nos livros, velhos ou novos, e nas partituras que ele alimentou seu espírito durante os períodos de férias. Em atividades esportivas ao ar livre ele encontrou a expressão viva da arte que o tornou não só um dançarino, mas onde ele encontrou o conceito de evolução do ser vivo e do ser vivo o ser humano. Quando ele diz, ao perambular pelas cidades desconhecidas, “era muito agradável caminhar sem meta alguma e sem conhecer as ruas e deixar que a sorte me guiasse a seu bel prazer” (p. 303, l.24-26), ou então quando ia banhar-se no lago salgado de Eisleben e “deixar-se levar pela corrente, sem esforço algum e deixar-se levar pelas suaves ondas, pode alguém imaginar-se algo mais agradável?” (p. 303, l. 32-34); ou ainda quando ia patinar na neve “há algo sobrenatural ao deslizar com pés alados pela superfície cristalina” (p. 304, l. 4-5). Quando, ao comemorar o Ano Novo de 1882, ele toma a resolução de adotar daí em diante como único princípio de sua vida o “*Amor Fati*”, talvez ele nem tenha se lembrado, naquele momento, que o *Amor Fati* já era o princípio básico de sua vida desde os dias em que ele os passou em férias perambulando sem destino nas ruas desconhecidas, ou nadando ao sabor das ondas no lago salgado de Eisleben, ou patinando na neve com pés alados.

Do mesmo modo, quando mais tarde nas montanhas da Alta Engadina, abrigo-se de uma tormenta, ele contempla a beleza da natureza em ebulição, e tira dela o conceito de eterno retorno do qual ele vai derivar seu conceito de mundo, tudo isto já estava naquela alma juvenil ainda quando nas noites de inverno em suas férias ele contemplava “a lua que envia seus raios prateados, essas noites sobre o gelo parecem noites encantadas: o calado

¹¹ Hino religioso usado nas celebrações de encomendação das almas pelas igrejas católica e anglicana. Além da versão original em canto gregoriano, alguns compositores o adaptaram para música clássica, como neste caso, de Mozart.

silêncio do entorno, interrompido unicamente pelo estalar do gelo e o som dos patinadores ao redor de nós, possui um algo em si majestoso que inutilmente buscamos nas noites de verão” (p.304, l.6-10). Não podemos considerar esta atitude como um simples êxtase poético, sob pena de perdermos o sentido profundo de todo um pensamento que irá penetrar os abismos do desconhecido e do inventado, do mundo criado pela imaginação e aureolado pelo desejo de um éden. O *Amor Fati*, a desejada aceitação de um mundo que está aí, se compraz pelo simples fato de sermos parte integrante deste mundo, assim como ele é. Nietzsche se identificava desde a mais tenra idade com um mundo dinâmico, em constante evolução, onde o novo se reproduzia continuamente em si mesmo, e neste renovar-se incrementar a vida que lhe dava vigor.

Mas foi ainda nesta época e com esta idade que ele escreveu seus primeiros pensamentos sobre música, porque, diz ele “a música reúne em si mesma todas as qualidades: pode comover, embelezar, serenar; é capaz de amenizar o ânimo mais tosco com seus delicados tons melancólicos” (p. 305, l. 29-32). É com estes sentimentos de comoção, beleza e serenidade que Nietzsche vai encontrar na tragédia grega o fundamento da luta entre o apolíneo e o dionisíaco que constitui o elemento essencial da psicologia humana. “Mas a faculdade essencial é a de dirigir nossos pensamentos ao alto, a de elevar-nos, de emocionar-nos” (p. 305/6, l.32/02). Elevar-nos ao alto, desprender-nos da tragicidade da vida terrena e introduzir-nos no mundo da arte para não perecermos diante da vida. E é principalmente nos corais das músicas religiosas que ele encontra a aproximação com a tragédia grega que nasceu exatamente, segundo ele, do coro. Se “a música também alegra o espírito e afasta os negros pensamentos” (p. 306, l. 7-8), ela também aproxima o ser humano do sublime, do obscuro, do misterioso, do desconhecido e, com isso, desperta a crença, a fé, a religiosidade e a unidade com o universo, porque “a música nos fala muitas vezes mais profundamente que as palavras da poesia, pois ela se aferra nas gretas mais recônditas do coração” (p. 306, l. 10-12). Mas não é só para o deleite e para o onírico que a música é importante. A música, principalmente o “canto eleva nossa espírito e o conduz à bondade e à verdade” (p. 306, l. 14-15). Bondade e verdade são uma só e mesma coisa, alcançada pela elevação do espírito por meio da música. A verdade não é por si mesma; algo se torna verdadeiro quando alcança o

sublime pelo espírito. Verdadeiro é o que conduz o espírito ao bem e vice versa. Verdade e bondade são faculdades do espírito, da psicologia humana.

Com estas conotações, a música se torna sagrada, e como tal deve ser tratada. “Se só se usa a música para o regozijo ou como meio de exhibir-se entre os homens, ela será pecaminosa e insana” (p. 306, l. 15-17). Nietzsche irá enfrentar sérios problemas com seus colegas, professores da Universidade de Basileia, e, principalmente, com seu amigo íntimo Richard Wagner, por causa da música. A música que estava deixando de ser o instrumento da elevação do espírito para tornar-se simplesmente um meio de exibição: música pecaminosa e insana. E sua constatação terrível “é justamente isto o que mais abunda: quase toda música moderna apresenta esses traços” (p. 306, l. 17-19). Mas mesmo que isto aconteça, Nietzsche reconhece que a música tem suas vantagens, “ela proporciona, mesmo assim, um agradável entretenimento, protegendo do tédio a todo aquele que se interessa por ela” (p. 306, l. 25-26). Ele chega mesmo ao ponto de dizer que a música é uma característica do ser humano, sem a qual ele, o ser humano, não se distinguiria do animal quando diz que “deve-se considerar os seres humanos que a desprezam como ‘gente sem alma’, como criaturas parecidas aos animais” (p. 306, l. 26-28). Talvez esta última expressão seja um tanto forçada, e até contraditória. Será que Nietzsche não apreciava o canto dos pássaros, ou as sinfonias do vento, ele que tanto amava a natureza? Mas também não devemos esperar um excesso de lógica de um menino de catorze anos quando ele esteja expressando seus sentimentos mais íntimos. Chegando a este ponto sua alma juvenil, num êxtase de felicidade, emite o profundo desejo de “que este dom supremo de Deus me acompanhe ao longo de minha vida e que eu possa considerar-me muito feliz por tê-la amado tanto. Demos graças a Deus que nos oferece um tão bonito prazer!” (p. 306, l. 28-33). Nietzsche, apesar de toda sua paixão pela música e de um pedido tão forte a Deus, não foi um músico de destaque; nem mesmo aparece entre os compositores de algum renome, mas teve a profunda intuição de descobrir que a arte que melhor expressa a alma humana, a arte trágica, está vinculada à música, é fruto de um coro que transpõe o espectador do material ao sobrenatural, na angústia de uma vida cheia de contratempos e contradições.

C) A RAZÃO: ESTUDOS E BRINQUEDOS

Nietzsche escreve estas memórias antes mesmo de completar 14 anos de idade, no momento em que ele entra na altamente conceituada escola de Pforta, berçário de tantas personalidades ilustres da ciência desde sua fundação no século XVI. Mas antes disso ele já havia recebido instruções na família e frequentado por três anos a escola preparatória para o ginásio; havia recebido também aulas de música depois de ganhar um piano da mãe (Seu pai, além de pastor modelo, era apaixonado por música, principalmente improvisações ao piano). Daqui também a veia musical do próprio Nietzsche (filho, no caso). Quando Nietzsche escreve essas memórias, portanto, já possuía conhecimentos para tanto; mas ao referir-se a esses acontecimentos acima relatados, a esses sentimentos que ele simplesmente relata ter sentido e vivido, na época desta vivência ele tinha apenas entre 10 e 13 anos de idade. Se identificar onde e quando as almas se encontram para uma verdadeira amizade aos 14 anos já é um dado que deixa prever um grande escritor, um verdadeiro homem da cultura, o viver esses sentimentos, senti-los dentro de si e buscar exatamente aquilo que preenche este vazio, isto mostra um caráter, uma personalidade incomum. A incompreensão futura por parte de intelectuais não é de estranhar quando se trata de pessoas que não viveram o que ele viveu, que não sentiram o que ele sentiu, e que não tinham e, nem podiam ter, as ideias que ele tinha e expressava. Nietzsche não foi um menino prodígio, como se costuma dizer; ele foi um menino que procurou identificar-se com os demais, ressaltando suas individualidades; mas o conjunto de sua vida, a partir das primeiras recordações por ele lembradas ou a ele transmitidas, como ele mesmo o diz, o tornaram *sui generis*, no sentido de que ele sempre foi ele mesmo, como ele vai dizer, já no final de sua vida consciente, em 1888, ao reescrever, ou melhor, a continuar a sua “*Mein Leben*”, em “*Ecce Homo*”, “Como torna-se o que se é”¹². Esses primeiros anos de aprendizagem, em casa com um preceptor que lhe ensinava inclusive música, e logo após na escola pública, cujo diretor “o Sr. Candidato Weber, bom cristão e excelente professor, conhecia nossa amizade e nunca lhe colocou obstáculos, aqui foi colocada a pedra angular de nossa educação futura. Juntamente com excelentes horas de ensino religioso, também recebíamos as

¹² *wie man wird, was man ist.*

primeiras lições de grego e latim” (p. 289, l. 1-5). Uma educação clássica, própria daquela época: religião, latim e grego. Abriam-se dois caminhos a sua frente: seguir a tradição da família e tornar-se pastor como seu pai e avós paterno e materno, ou seguir a carreira acadêmica em suas variáveis, principalmente filosofia ou filologia. Mas, nesta ocasião, ainda não era esta sua preocupação. O que se destaca aqui é “a pedra angular”. Nietzsche nunca poderia deixar de ser aquilo que ele já estava, desde sempre, sendo: o Nietzsche que realmente foi.

Nietzsche, apesar de reservado e procurar a solidão para encontrar-se consigo mesmo, não era desligado do mundo e dos acontecimentos de seu tempo. Seus brinquedos com os colegas de escola sempre versavam sobre assuntos de aula ou sobre os acontecimentos do momento. Nos passeios e nas horas vagas suas diversões representavam as cavalaria da Idade Média, com seus torneios “de tal maneira que era como se vivêssemos em miniatura aquela época maravilhosa” (p. 289, l. 16-18). Mais significativos, porém, do que a representação em miniatura da Idade Média, era a vivência dos tempos presentes. Como ele relata “por aquela época todos os olhares se dirigiam com inquietação ao desenrolar-se do conflito entre a Turquia e a Rússia” (p. 289, l. 30-32). Para um espírito juvenil sedento de conhecimento, não havia matéria melhor mesmo que fosse apenas para seus passatempos. Mas, para Nietzsche, aqui há muito mais do que simplesmente motivo para brinquedo ou passatempo. Ele, com seus colegas, incorpora esse momento histórico e o transforma em vivência extremamente significativa para a formação de sua personalidade e de seu pensamento. Nietzsche, nestas memórias, não aponta os motivos da guerra, ou seja, o desejo de expansão do Império Russo ou a manutenção da estabilidade da Europa por parte dos Turcos. O que é significativo neste episódio não é tanto a reprodução, também em miniatura, de todo o desenvolvimento da guerra por parte dos meninos, que queriam até “confeccionar em conjunto um grande dicionário militar, e que já haviam traçado planos gigantescos” (p. 291, l. 2-4); o que é significativo é que, com a transferência da guerra para a Criméia, que passou para a história como “Guerra da Criméia”, e o cerco de Sebastopol pelos Turcos coligados com as potências europeias, o que é significativo é que os meninos, e pelo relato dá para concluir que sob a batuta de Nietzsche, tomaram o partido dos Russos.

Afora os dados da guerra, e dos meninos em si, que possibilitaram a Nietzsche “graças a tanta prática aprendi todas as sutilezas arquitetônicas...Tanto enciclopédias como os livros militares mais modernos enriqueciam nossas coleções” (p. 290/1, l. 31-02). Afora esses detalhes, o que se poderia analisar aqui são as possíveis respostas a uma pergunta um tanto intrigante: por que Nietzsche, esqueçamos aqui os outros meninos, tomou o partido dos Russos? No seu relato, ele não diz. Mas como se trata de uma gênese de um pensamento, as suposições, que poderiam não passar de meras suposições, podem ser significativas. Seria, talvez, por um sentimento íntimo dele, imperceptível no momento, de um desejo de pertencer a uma linhagem de nobreza que ele vai tentar encontrar mais tarde uma ascendência eslava em seus antepassados? Isso seria já um sintoma, ou um simples pré-sintoma, de uma natureza, cultura ou raça, mais elevada, mais pura, mais loura, mais águia, o embrião do *Übermensch*? Isto em oposição a uma coligação, de certa forma espúria, entre turcos, romenos, franceses, ingleses, simbolizando todos estes um alemão mesclado, o elemento típico de uma Europa em decadência, caminhando aceleradamente para o niilismo? Haveria aqui um sinal do nobre e do escravo? Antevia Nietzsche talvez no Imperador Russo a expressão viva do *Wille zur Macht*? Do lado dos coligados subjazia, talvez, o ressentimento, ou a moral ressentida dos escravos, que necessitava de uma genealogia para vir à luz com toda a clareza? Suposições ou não, quando se trata da gênese de um pensamento, nada pode ser desprezado. Se ninguém vai além daquilo que já é, como Nietzsche vai dizer depois (*wie man wird, was man ist*), e tudo está em embrião, só resta aguardar os acontecimentos, e quanto mais cedo se possa ver o depois, melhor será seu entendimento, e menores serão as surpresas. Quanto à simpatia de Nietzsche pelos eslavos, ou pelos povos nórdicos, não é uma simples questão de raça ou cultura, mas uma mescla de raça e cultura. No parágrafo 5 da primeira dissertação da Genealogia da Moral, ele identifica os eslavos e os celtas como bons, nobres, puras e também louros, uma raça de conquistadores e senhores, assim como a nobreza grega antiga, que ele qualifica como “os verazes”. Povos estes que não estavam subjugados por princípios e valores morais, sociais ou religiosos, devotados à democracia, ou ao anarquismo ou ao socialismo, como os demais povos da Europa. Com ou sem uma ascendência eslava nobre, Nietzsche incluía a si mesmo entre eles.

Nietzsche interrompe essas divagações sobre a música para dizer “quero continuar o meu relato, pois agora chega uma época muito importante para mim: tornei-me um ginasião!”¹³ (p.298/9, l. 33-01). Ele tinha consciência do passo que estava dando, e, de certa forma, tinha medo. “Só eu sei com quanto temor cruzei pela primeira vez a pequena porta que me conduzia à escola” (p. 299, l. 3-5). Para um menino de 10 anos cruzar a estreita porta que conduz a uma escola é, com toda certeza, o momento de maior significação na vida de uma pessoa. Quanta coisa pode passar pela cabeça desta criança a respeito do que ela poderá encontrar lá dentro. Isto acontece com todo mundo, como aconteceu também comigo, mas quando se trata da pessoa que depois foi “Nietzsche” como passou a ser conhecido, este momento toma outra perspectiva. O terrível que ele imaginava antes de dar esse passo, embora, logo a seguir, tenha-se tornado uma desilusão, e conseqüentemente um êxito, não deixa de ter um significado mais profundo no espírito daquela criança. Ao dizer, naquela época, que “como nós o havíamos imaginado muito mais terrível do que era na realidade, a desilusão seguinte foi um êxito” (p. 299, l. 5-7), nem ele mesmo estava imaginando o que seria dele o dedicar-se aos estudos daquela forma como ele se dedicava; a buscar nos livros a complementação de suas meditações solitárias e de seus devaneios poéticos e musicais.

Mais um traço de seu caráter aparece neste momento. Sentia orgulho, como todos os demais, pelo fato de estar entre os de grau mais adiantado, o “orgulho quintanista” (*Quintanerstolz*) (p. 299, l. 7), e é neste momento que “muitos veem como um privilégio o aparecer com cigarro e bengala para diferenciar-se desta forma dos demais” (p. 299, l. 21-23). Mais do que a vaidade do “orgulho quintanista”, próprio de todo adolescente, este orgulho pessoal que Nietzsche nunca vai condenar, o que o intrigava, neste fato, era o engano da aparência, que vai levar Nietzsche a subverter os dados da realidade. Embora ele diga a seguir que “até agora nunca pude imaginar-me que um menino possa experimentar o mínimo prazer com isso; considero ambas as coisas mera vaidade” (p. 299, l. 23-26), ele estava se referindo à vaidade e não ao orgulho pessoal; ele estava condenando a aparência e não o sentimento em si de sentir-se superior. Sentir orgulho de se encontrar entre

¹³ – *Ich wurde Gymnasiast. –!!*

os mais adiantados não significa desprezo em relação aos demais, mas comprometido para com eles, o que ele fará, mais tarde como professor, atendendo a cada um conforme suas aptidões, exigindo o máximo de todos.

Nietzsche aproveitava sempre o período de férias, não só para recuperar energias e fortalecer o corpo com passeios e descansos, mas muito se dedicava também ao aprendizado e ao fortalecimento de seu caráter e ao aperfeiçoamento de seu pensamento. Passava as férias normalmente em casa de parentes e mesmo lá o que mais ele apreciava era “passar as horas no quarto de estudos do avô revolvendo velhos livros e cadernos. Nisto consistia meu maior prazer” (p. 303, l. 18-20), ou então, quando ia a Leipzig “perambular por livrarias e tendas de música” (p. 303, l. 22-23). O fato em si é normal em estudantes desta idade, principalmente numa época em que outro tipo de atividades era por demais escasso. O que se pode destacar aqui em Nietzsche é o embrião de um pensamento que irá se desenvolvendo ao limite de, no final, diferenciar-se de praticamente todos os demais pensadores, inclusive de seus colegas que o acompanhavam nestas mesmas atividades. As condições em si poderiam levar aos mesmos resultados, mas não foi o que aconteceu. As ações exteriores eram as mesmas tanto para Nietzsche como para seus colegas e amigos mais chegados, mas a vivência de cada um deles era muito diferenciada. Os livros como fonte e a música como expressão foram os meios pelos quais ele chegou a um conhecimento de si e do mundo como um todo. Sua vida ainda muito breve e seu mundo muito limitado no espaço ampliavam-se cada vez mais com o aprofundamento nos livros que o levaram a buscar a origem dos conceitos na filologia.

Em todos os acontecimentos, fossem eles da natureza ou obra de ações humanas, Nietzsche buscava seu aprimoramento, intelectual, moral e espiritual. Quanto às festividades ele tinha uma predileção especial pelo Natal e pelas festas de aniversário, especialmente o seu, que coincidia com o aniversário do Imperador, de quem ele herdara o nome. Para ele “o Natal não tem a ver somente conosco, mas com toda a humanidade: ricos e pobres, pequenos e grandes, classes baixas e altas. É precisamente essa alegria comum que intensifica a nossa” (p. 304/5, l.34/03). Ele se alegrava não porque o Natal representava o nascimento de Jesus, o Redentor da Humanidade, mas pelo fato de que toda a Humanidade, que seria melhor dito, a Cristandade, se alegrava com o evento. O profundo sentimento humano, demasiado

humano, que ele nutria pelas pessoas, foi o título de uma de suas obras. Este sentimento humano não o tornou um pastor para a propagação da religião, mas um crítico mordaz das religiões que se fundamentavam em um ser humano não humano, mas um ser semidivino decaído, pecaminoso e culpado: um ressentido. A pureza de sua fé se nutria da mística sobrenatural a que o ser humano deveria aspirar sem barreiras ou preconceitos impostos por uma moral polarizada em uma oposição de bem e mal: sua espiritualidade estava acima das fraquezas humanas. Com relação às festas de aniversário, principalmente a sua que era ofuscada pelo aniversário do Imperador, que se concluía na igreja, ele simplesmente diz que “mesmo que o sermão não está escrito expressamente para mim, tomo dele para meu uso o que melhor me parece e a mim mesmo o aplico” (p. 305, l.15-17). Este foi o Nietzsche aos catorze anos de idade.

Após esses pensamentos sobre música, “em sentenças” (*in Sentenzen*) (p. 305, l. 26), como ele diz, ele retorna à questão de seus poemas e poesias, o terceiro período, no qual ele tenta unir o primeiro e o segundo, ou seja “harmonizar ternura e força” (p. 306, l. 34). Neste período e com esta finalidade ele se propôs a escrever um poema a cada tarde, com a finalidade de oferecê-los à mãe por ocasião do aniversário dela. Durante duas semanas ele fez isso “sentindo grande alegria cada vez que via diante de mim terminada uma nova criação de meu espírito” (p. 307, l. 8-9). A poesia segundo Nietzsche, além de sensível, deve conter a arte poética em cada palavra; deve estar “isenta de retórica, porque o uso de frases feitas faz pensar em um cérebro que é incapaz de criar algo por si mesmo” (p. 307, l. 15-18). Para ele as ideias são muito mais importantes do que o estilo; um descuido do estilo pode ser perdoado, mas não uma confusão de ideias. E neste ponto ele cita o exemplo de Goethe, cujas ideias eram profundas e brilhantes como ouro. Nietzsche reconhece, porém, não ter sido muito feliz nesta terceira tentativa, principalmente quanto a escrever de modo sensível.

Neste período de sua vida Nietzsche também se dedicou, juntamente com seu colega e amigo Wilhelm Pinder, a escrever obras teatrais, das quais duas chegaram a ser encenadas, embora não com muito sucesso. Muitos projetos tinha ele neste sentido, mas teve que abandoná-los, mesmo porque “todos estes projetos os concebi quando no último semestre do quarto grau

deixei de assistir as aulas devido a minhas dores de cabeça” (p. 309/10, l. 34/04).

E Nietzsche encerra o primeiro livro de sua autobiografia dizendo:

Com este terminei meu primeiro caderno, que contemplo com satisfação. Escrevi-o sem nenhum cansaço e com grande alegria. É algo magnífico mais tarde guiar nosso espírito pelos primeiros anos de nossa vida e penetrar assim no desenvolvimento de nossa formação. Relatei fielmente a verdade, sem confabulação ou adorno poético algum. Que de vez em quando tenha acrescentado algo, ou que ainda acrescento algo mais, deve ser-me perdoado devido à extensão do empreendimento. Oxalá possa eu, todavia, escrever muitos mais livrinhos como este! (p. 310/11, l. 32-08).

Nietzsche escreveu este primeiro caderno de sua vida entre o dia 18 de agosto e 1º de setembro de 1858, pouco antes de completar 14 anos de idade ao concluir seus estudos no ginásio. O próximo período de sua vida será no internato de Pforta, e, conforme seu desejo expresso no final deste caderno, ele continuou sua autobiografia, concluindo-a com seu “*Ecce Homo*”, em 1888.

CONCLUSÃO

O que mais chama atenção nesta primeira parte desta autobiografia é a idade do autor, e é justamente isto que quero destacar aqui. Quando se trata de analisar o pensamento de um autor de renome, busca-se uma linha de pensamento já estabelecida segundo a qual ele vai seguindo, aperfeiçoando, modificando, contradizendo, o que, não raro, apresenta uma descontinuação entre o início e o final, que se justifica com o escape do amadurecimento. Quanto a Nietzsche, pelo menos a meu ver, há um *continuum* em seu pensamento. A prova disto está na última parte de sua autobiografia, no subtítulo que ele deu a seu “*Ecce Homo*”, “como tornar-se o que se é” (*wie man wird, was man ist*). Se na última parte de sua autobiografia ele diz isso, é porque na primeira ele havia dito “é magnífico mais tarde guiar nosso espírito pelos primeiros anos de nossa vida” (p. 311, l.1-3). Ele ampliou, aprofundou, aperfeiçoou seu pensamento, mas manteve sempre a mesma perspectiva. Contudo, há um tema nesta primeira parte que merece uma análise em separado, devido às polêmicas que ele vai suscitar no futuro,

inclusive na sua carreira e em seu relacionamento, principalmente com a mãe. É a questão de “Deus”. Este Deus que estava tão vivo e tão presente em sua juventude, ele simplesmente vai dizer que “está morto”. Assim, esta será uma análise em si mesma: o Deus de Nietzsche na primeira parte de sua autobiografia e o Deus de Nietzsche em “O Anticristo”, passando pelas obras sobre a Tragédia Grega.

Procurei, neste texto, portanto, buscar os conceitos fundamentais de *Wille zur Macht*, de *Übermensch*, de Eterno Retorno, de *Amor Fati*, de Arte, de Apolíneo e Dionisíaco, de material e espiritual, da origem do pensamento em si, da expressão do pensamento pela linguagem; tudo como expressão do humano, demorando humano, no biopsicológico. Estes conceitos não aparecem elaborados em seu relato e alguns nem com esses nomes, mas, como dito acima, em embrião. O amadurecimento, se é que assim se pode chamar, foi apenas na elaboração do conceito, mas o significado permaneceu praticamente inalterado. A maior diferença entre este primeiro texto e os textos futuros, principalmente os últimos, é a forma como essas ideias são expressas. No escrito de juventude é uma linguagem mais calma, mais suave, envolta na aura juvenil, cheia de sentimentos ainda muito próximos das tristezas provocadas pela perda dos entes queridos. Nos escritos futuros, principalmente nos últimos, quando as dores e tristezas juvenis já haviam a tempo cicatrizado, a expressão das ideias é mais violenta, mais dura, até pela insistente repetição por não terem sido ainda entendidas, ou até mesmo pelo agravamento terrível de suas dores, físicas e psicológicas.

BIBLIOGRAFIA

Andler, Charles. *Nietzsche, as vie et as pensée. La jeunesse de Nietzsche*. Éditions Brossard, deuxième édition. Paris: 1921

Feiler, Adilson Felício. *Hegel e Nietzsche: a ética cristã concebida pelo amor e o destino*. – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015.

Giacóia Junior, Oswaldo. *Nietzsche / Oswaldo Giacóia Junior*. – São Paulo: Publifolha, 2000. – (Folha explica).

Penso, Giorgio. *Invito al pensiero di Nietzsche*. Guppo Ugo Mursia Editore S.p.A. – Milano: 1990.

Montinari, Mazzino. *Che cosa ha detto Nietzsche*. Adelphi Edizione S.p.A. – Milano: 1999.

Nietzsche, F. W. *KGA, V.1.T.1*. Walter de Gruyter, Berlin, New York. 2000 03.

_____ *De mi vida. Escritos autobiográficos de juventud* (1856-1859), Tradución de Luis Fernando Moreno Claros, Valdemar, Madrid, 1997. http://www.dominiopublico.es/libros/N/Friedrich_Wilhelm_Nietzsche/Friedrich/Escritosautobiograficosdejuventud.pdf. Disponível em outubro de 2015.

_____ *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*; tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*; tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ *Genealogia da moral: uma polêmica*; tradução Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

_____ *Fragmentos Póstumos: 1887-1889: volume VII*; tradução Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.